

Marcelo S. Mercante. *Imagens de cura: Ayahuasca, imaginação, saúde e doença na Barquinha*

Alvaro A. Russo Junior



Edição electrónica

URL: <http://journals.openedition.org/pontourbe/740>

DOI: 10.4000/pontourbe.740

ISSN: 1981-3341

Editora

Núcleo de Antropologia Urbana da Universidade de São Paulo

Edição impressa

ISBN: 1981-3341

Refêrencia eletrónica

Alvaro A. Russo Junior, « Marcelo S. Mercante. *Imagens de cura: Ayahuasca, imaginação, saúde e doença na Barquinha* », *Ponto Urbe* [Online], 13 | 2013, posto online no dia 12 maio 2014, consultado o 22 setembro 2020. URL : <http://journals.openedition.org/pontourbe/740> ; DOI : <https://doi.org/10.4000/pontourbe.740>

Este documento foi criado de forma automática no dia 22 setembro 2020.



This work is licensed under a Creative Commons Attribution 4.0 International License.

Marcelo S. Mercante. *Imagens de cura: Ayahuasca, imaginação, saúde e doença na Barquinha*

Alvaro A. Russo Junior

REFERÊNCIA

Imagens de cura: Ayahuasca, imaginação, saúde e doença na Barquinha. Marcelo S. Mercante. Editora Fiocruz. Rio de Janeiro. 2012

- 1 É notável o crescente interesse pelas religiões ayahuasqueiras na última década, podendo ser percebido através do rápido afloramento de trabalhos acadêmicos sobre a temática a partir dos estudos pioneiros nos anos 80. Do lado de fora da academia ocorre o surgimento de práticas diversificadas que podem tanto ser religiosas, artísticas, filosóficas ou terapêuticas e que envolvem o consumo da ayahuasca dentro e fora do país. A ayahuasca nos dias atuais está presente em 34 países, muitos dos quais inclusive consideram seu uso ainda ilegal. No âmbito nacional passamos a contar com uma legislação que regulamenta o uso ritual da ayahuasca apenas a partir de janeiro de 2010, quando entra em vigor a Resolução nº1 do CONAD.
- 2 Atualmente aponta-se para uma tendência às abordagens multidisciplinares desse campo de estudo acompanhando, em certa medida, a diversificação do uso da ayahuasca. É neste contexto que recebemos o livro *Imagens de cura: Ayahuasca, imaginação, saúde e doença na Barquinha*, que irá integrar a escassa bibliografia em português dedicada a esse grupo religioso.
- 3 Seu autor possui uma trajetória acadêmica interessante, graduando-se em biologia pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), com mestrado em antropologia pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) e doutorado em Human Sciences pela Saybrook University, de São Francisco, na Califórnia, cuja tese gerou o presente livro. Recentemente concluiu seu pós-doutorado em Antropologia pela Universidade de São

Paulo (USP) e pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) com uma temática voltada para o uso da ayahuasca no tratamento da dependência química. Durante o programa de pós-doutorado participou ativamente do Núcleo de Antropologia Urbana (NAU) da Universidade de São Paulo (USP) com a proposta de criação de um núcleo de estudos da consciência.

- 4 Segundo as palavras do próprio autor, este livro tem o simples objetivo de indicar direções para futuros investigadores. Porém pode-se afirmar que essa proposta foi, em muito, superada. E isso talvez fique claro já no prefácio de Esther Jean Langdon, professora titular na Universidade Federal de Santa Catarina, que considera o livro como parte de um movimento de mudança na abordagem científica das substâncias psicoativas, onde o questionamento não é mais sobre a legitimidade da subjetividade e da experimentação pessoal, mas volta-se a atenção para a irredutibilidade da subjetividade e seu papel na construção do conhecimento. Isso se deve, em parte, à metodologia adotada, denominada “observação experiencial” e que, segundo Langdon, “abre a possibilidade de uma nova percepção das práticas religiosas como reveladoras de uma realidade que só podemos conhecer via experiência”.
- 5 O autor, dessa forma, mergulha no “movimento religioso” – forma pela qual os adeptos definem suas práticas – da Barquinha, mais especificamente no Centro Espírita Culto de Oração Príncipe Espadarte, um dos 6 centros desse culto daimista em Rio Branco, no Acre. É notável o fato dos membros desse Centro se considerarem daimistas, por julgarem que a Barquinha é uma linha do Santo Daime – considerada uma das matrizes das religiões ayahuasqueiras.
- 6 As características que levaram o autor a definir tal movimento religioso como “sincrético e baseado em um cristianismo fortemente devocional, com a adoção de práticas mediúnicas” se tornam claras à medida que avançamos na leitura. A organização espacial do Centro – basicamente composto pela igreja, congá e salão de festas, sua liturgia – com destaque para as orações, a musicalidade – incluindo os hinos, pontos e salmos cantados durante os trabalhos e sobretudo nas experiências de incorporação.
- 7 O fenômeno da incorporação é considerado uma característica central deste movimento religioso e consiste na possessão de médiuns por espíritos que constituem o panteão do Centro como, por exemplo, os pretos velhos, caboclos e encantos. Orixás e santos católicos, apesar de comporem o panteão, não incorporam nos médiuns. O que é notável é o fato desses seres espirituais, e outros, serem trazidos ao Centro por intermédio do daime, e somente através dele.
- 8 O daime seria uns dos principais responsáveis por fazer a dualidade entre o espaço físico e o espaço espiritual desaparecer, integrando esses dois polos. Essa posição central ocupada por esse psicoativo é constatada no discurso nativo, que concebe o movimento religioso da Barquinha emergindo a partir dessa bebida, e nas próprias questões levantadas pelo autor no presente livro.
- 9 Para abordar e esclarecer a complexa relação entre psicoativo e ritual, o autor parte do desmembramento dessa relação em quatro elementos: Ayahuasca, cérebro (o sistema nervoso e, em consequência, o corpo todo), a imaginação (e/ou consciência), e a espiritualidade (ou experiência religiosa). Dessa maneira, no desenvolvimento e investigação dessas categorias Mercante lança mão de um profícuo diálogo com outras

áreas do conhecimento como a neurologia, a neurofisiologia, a biologia, a filosofia e a antropologia.

- 10 Essas áreas da ciência constituiriam subcampos de uma área maior denominada estudos da consciência – *consciousness studies*. O autor coloca a interdisciplinaridade como um diálogo extremamente necessário para se aventurar nessa área, sobretudo do ponto de vista da antropologia, que seria atravessada por essa temática da consciência chegando ao ponto de poder ser considerada acima de tudo como a ciência da consciência.
- 11 Diante da complexidade desse objeto, o autor repensa a metodologia antropológica e conclui que a observação participante, proposta por Malinowski, e a descrição densa, proposta por Geertz, não se fariam suficientes para abordar um objeto em que a experiência perpassa tanto as narrativas nativas quanto a própria perspectiva do antropólogo. A realidade, nesses termos, não seria apenas o que acontece “lá fora”, mas também o que acontece “aqui dentro”. Nas palavras do próprio autor “O que é vivenciado e o que é descrito não podem ser separados da realidade”.
- 12 Essa experiência interna do antropólogo como constitutiva da realidade estudada envolve, obviamente, a ingestão de daime durante a participação nos rituais ou, para usar a classificação do próprio grupo, trabalhos espirituais. Esse fato, apesar de pouco discutido na bibliografia sobre a temática, é relativamente recorrente entre os pesquisadores das religiões ayahuasqueiras. Dessa forma, o autor propõe uma discussão sobre o fazer antropológico nesses diferentes *estados de conscientização*.
- 13 Apoiando-se em Laughlin, McManus e Shearer (1993) lança luz sob uma crítica ao fazer antropológico dito “tradicional”, pois existiria um viés etnocêntrico para a faixa fenomenológica limitada da consciência considerada aceitável e legítima para a produção de conhecimento científico. Essa fase seria algo como a “consciência normal quando acordada” e a crítica seria colocada sobre uma sociedade que deslegitima o conhecimento produzido em outras fases da consciência, caracterizando uma *monofasia*.
- 14 A proposta metodológica, para além de compartilhar as fases da consciência do grupo estudado, implicaria também em situar o antropólogo numa posição de conector entre as descrições íntimas e as publicamente observáveis. Essa diferenciação assumiria duas direções: do ponto de vista do sujeito, esse analisaria o encontro entre subjetividade do participante e a cultura; a segunda direção apontaria para o mundo interno do pesquisador e se este mundo está e como/por que está conectado ao mundo interno do pesquisado. Isso seria obtido através do compartilhamento da experiência subjetiva que o antropólogo realizaria com o participante.
- 15 Esse compartilhamento da experiência por parte do pesquisador forneceria dados significantes para se descortinar as visões de mundo nativas, além de gerar um sentimento de confiança nos participantes. Isso seria ocasionado pelo fato de se levar a sério o pensamento do grupo, e isso ficaria ainda mais evidente sobretudo quando as entidades espirituais são tratadas como interlocutoras legítimas.
- 16 O rendimento dessa metodologia fica evidenciado no compartilhamento das *mirações* que o autor realiza com as entidades espirituais e que essas interpretam. As *mirações* são classificadas pelo autor como “imagens mentais espontâneas” e são consideradas momentos de transcendência experienciados pelos membros das religiões ayahuasqueiras. Estão relacionadas com a experiência visionária dos participantes que comungam a Ayahuasca e são consideradas centrais nos rituais da Barquinha,

vinculadas à ideia de “merecimento” e preparo espiritual atingido principalmente através do autoconhecimento.

- 17 O autor busca justamente essa experiência de miração dos adeptos e procura entender o papel de tais visões durante o processo de transformação física intensa, sobretudo nas situações de doença e cura. Nesse processo a miração pode ser entendida como mediadora entre o mundo interno e o mundo externo, o individual e o sociocultural, sendo obviamente influenciado pela cultura mas não direcionado por ela em um sentido absoluto. O afastamento do plano da cultura é evidenciado sobretudo pelo distanciamento do domínio da linguagem, exemplificado pela ausência de palavras para narrar tais experiências por parte de alguns participantes.
- 18 Em contrapartida, se nos afastamos do enquadramento da cultura, nos aproximamos do que a envolveria. O autor baseia-se na concepção de mundo espiritual na cosmologia da Barquinha para explicar o que influenciaria as “forças culturais”. Esse mundo, na visão nativa, seria um lugar que envolve todas as entidades dentro de si: os seres espirituais e físicos, o espaço físico do Centro, as imagens nas mirações, a música, as cerimônias em si mesmas etc. Nessa concepção, as mirações não ocorreriam dentro da cabeça/cérebro dos participantes mas “fora”, no espaço espiritual, onde os participantes estariam presentes com seus corpos não físicos dentro de suas visões.

O rendimento do conceito de “espaço espiritual”

- 19 Nesses estados, ocorre um processo integrativo onde o corpo estaria profundamente envolvido no processo provendo a imagem para o que está ocorrendo na consciência. E a consciência aqui é entendida ela mesma como um processo, um processo de se estar consciente de algo em determinadas condições.
- 20 Isso aconteceria especificamente por uma reação do sistema composto pelo cérebro, sistema nervoso e corpo, colocando-os em sintonia com os mundos internos e externos, gerando estados que emergem à consciência por meio de imagens auditivas, visuais e somatosensoriais.
- 21 Esse processo integrador que coloca em sintonia corpos, mentes, almas e espíritos se constituiria como o processo de cura propriamente dito. Por oposição a esse processo estaria a concepção de doença como desintegradora, no sentido de separação, seja ela física ou espiritual. E na medida em que o processo de cura é encaminhado, a miração assume um papel central enquanto opera, na consciência, a reorganização do caos ocasionado pela doença.
- 22 Sem sombra de dúvida, a metodologia adotada pelo autor do presente livro rendeu bons frutos. A imersão no grupo religioso proporcionada pela iniciação, apesar de ser uma prática recorrente tanto nos estudos das religiões ayahuasqueiras como nas religiões afro-brasileiras, ela é, neste trabalho, diferentemente de muitos trabalhos contemporâneos, bastante discutida.
- 23 Pela própria natureza do objeto estudado, a discussão da iniciação, apesar de ser essencial, foi ofuscada por outra questão de maior amplitude que é o antropólogo entrar em estado de transe. Isso sem dúvida ocorre com a grande maioria dos pesquisadores que se dedicam ao estudo das religiões ayahuasqueiras e com outros poucos dos cultos afro-brasileiros, porém isso nunca é discutido em suas teses ou dissertações. Mais respeitável ainda é a posição assumida pelo autor de que grande

parte das ideias que consistem sua tese surgiram sob o efeito da ayahuasca. O autor, dessa forma, estabelece uma relação de honestidade com seus interlocutores e abre espaço para a revisão dos estados normativos de conscientização estabelecidos socialmente.

- 24 Diante de um trabalho com tantas ideias novas e ousadas, resta-nos questionar o rendimento das mesmas no escopo mais amplo das religiões ayahuasqueira e afro-brasileiras. O conceito de espaço espiritual, elaborado pelo autor, ajudaria a explicar a realidade espiritual de outras religiões estruturalmente próximas ao sistema religioso da Barquinha, como o Santo Daime e a Umbanda? Essa é uma questão que somente as pesquisas futuras poderão nos revelar.
- 25 E, dessa maneira, fechamos os trabalhos e alimentamos nossas expectativas sobre seus desdobramentos, que se abrem diante de muitos caminhos a serem trilhados.